

A PSICANÁLISE, O TRABALHO E O LAÇO SOCIAL

PSYCHOANALYSIS, LABOUR AND SOCIAL BOUND

Cintia da Silva Lobato Borges¹, Maria Anita Carneiro Ribeiro²

Resumo

Embora Freud destaque o trabalho como uma importante fonte de satisfação libidinal, ainda hoje muitos psicanalistas ignoram a relevância do estudo deste tema. Neste artigo, pretendemos abordar as questões relativas ao trabalho e ao desejo a partir dos quatro discursos propostos por Jacques Lacan e também de vários autores das ciências sociais.

Palavras-chave: Psicanálise; trabalho; laço social

Abstract

Although Sigmund Freud himself had already emphasized the importance of labour as a source of satisfaction to the libido, many analysts still ignore the relevance of studying this particular theme. In this article, we intend to explore the questions on work and labour, discussing Jacques Lacan's theory of the four discourses and reviewing the contributions of some authors in social sciences.

Keywords: Psychoanalysis; work/labour; social bound

A PSICANÁLISE, O TRABALHO E O LAÇO SOCIAL

Segundo dados da OMS¹ (Organização Mundial de Saúde) a Depressão será, em 2020, a principal causa de incapacitação para o trabalho em todo o mundo. Mas se, como postulava Freud (1930) em *O Mal-estar na Civilização*, o trabalho é uma das formas de encontrar o pouco do quinhão de felicidade que nos cabe em vida, nos perguntamos então: por que o homem hoje encontra tristeza no seu labor? São realmente deprimidos todos estes tantos trabalhadores? Em um trabalho recente (Ribeiro, 2011), defendemos que o mal-estar no trabalho seria fruto do próprio discurso que articula/desarticula o laço social da contemporaneidade. O próprio Freud, numa nota extensa e importante, ao pé da página 80 do texto supracitado, observa que, embora o trabalho seja fonte de uma satisfação particular, ‘é pouco apreciado como via para a felicidade pelos seres humanos’. Na contemporaneidade, trabalhar e amar, as duas principais fontes de satisfação libidinal que, dizia Freud (1930), garantiriam aos homens um pouco de contentamento, parecem, por motivos que tentaremos discurrir aqui, cada vez mais inalcançáveis. Lacan (1972) data a emergência do discurso capitalista a partir do ‘pequeno deslizamento’ ocorrido no discurso do Mestre depois da Revolução Industrial. Assim sendo, embora o texto freudiano *O Mal-estar na civilização* já tenha por volta de 80 anos, a mudança do laço social já se fazia presente na época em que Freud o escreveu.

A Psicanálise fundada por Freud tem suas raízes fincadas na história do homem moderno e seu espaço de atuação assegurado por uma prática ética e pertinente nos dias atuais, pelo menos aquela que se refere ao campo lacaniano, prática que se propõe a não fugir dos postulados freudianos, sem, contudo, deixar de repensar seus conceitos a partir da experiência clínica.

A Psicanálise nasceu através da própria experiência enquanto clínico do seu fundador e, desde então, nunca se desvin-

culou deste caráter de vivência pessoal, única e irrepitível acontecida no divã, embora seja pensada também como base de entendimento para as diversas esferas da sociedade contemporânea. Diferenciando-se da Psicologia, que sempre teve em seus postulados uma preocupação com a cura, a saúde e a busca do Bem (Badiou, 1993), através da escuta do consciente e a sua compreensão, a Psicanálise retira deste mesmo consciente o lugar de verdade do sujeito e coloca sua atenção no fenômeno do inconsciente, este sendo o lugar do desconhecimento, da ignorância, só acessível por meio de suas manifestações tais como os sintomas, sonhos, atos falhos e chistes. Para a psicanálise homem não é mais o ser autônomo e autoconsciente que a Psicologia acredita poder contar, mas dividido, contraditório e desconhecedor de ‘sua própria casa’. Sua ética— a ética da Psicanálise— é a ética do desejo, e este desejo é sempre desejo inconsciente.

O TRABALHO

O trabalho, tal como é visto hoje, não é algo natural na história do homem, é um fenômeno construído historicamente e ao mesmo tempo construtor da subjetividade dos sujeitos (Castel, 1994).

A chamada cultura ocidental moderna se organiza em torno do trabalho, ou seja, da produção de objetos como mediador das trocas sociais, a ponto de o trabalho se tornar um ideal, um gosto, uma vocação, uma nobreza (...) ‘Ser trabalhador’ torna-se para nós uma marca, uma insignia” (Jardim, 2011, p.106).

Estranhar este fenômeno e pensar as conseqüências que este trabalho capitalista trouxe para a história do sujeito hipermoderno (Lipovetsky, 2004) é um dever daqueles que lidam, no dia-a-dia, com as conseqüências das agruras do labor na saúde mental dos sujeitos. Dejours (1983), psiquiatra e psicanalista francês que estuda a relação do trabalho com o sofrimento mental diz que o mesmo trabalho que é fon-

te de satisfação e prazer para os sujeitos, pode ser também produtor de sofrimento e adoecimento psíquico, sobretudo quando é um labor rígido, repetitivo e frustrante, não dando ao sujeito possibilidade de transformação e aperfeiçoamento. Para Dejours, o trabalho seria um regulador social, fundamental para a subjetividade humana e, quando possibilita ao trabalhador uma estruturação positiva de sua personalidade, pode inclusive aumentar a resistência dos sujeitos aos desequilíbrios psíquicos e corporais. Para Gaulejac (2007), sociólogo que também estuda a relação dos sujeitos com o trabalho, cada sujeito – sejam quais fores as condições de trabalho, seja qual for o grau de instrumentalização de que é objeto – tem necessidade de dar valor àquilo que produz, de coerência diante do caos, regulação diante da desordem, racionalidade diante das contradições. Isso lhe permite realizar-se ao realizar sua tarefa. O trabalho, diz o sociólogo, tem sentido visto que dá o sentimento de contribuir para uma obra coletiva e que cada atividade tem um fim fora de si mesma. Ainda segundo Gaulejac o trabalho, como está posto na sociedade atual, é sem sentido, sem ‘alma’, valoriza a ação (em detrimento da reflexão) e é individualista (em detrimento do coletivo). Ele contribui para alienar o sujeito numa miragem de auto-realização, sucesso e compensações financeiras. E a gestão é pervertida quando favorece uma visão do mundo na qual o humano se torna um recurso a serviço da empresa.

Marx (1983), por sua vez, define o trabalho como a categoria maior da condição humana, definindo o homem como espécie:

Pressupomos o trabalho em uma forma que o caracteriza como exclusivamente humano. Uma aranha leva a cabo operações que lembram as de um tecelão, e uma abelha deixa envergonhados muitos arquitetos na construção de suas colméias. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor das abelhas é que o arquiteto ergue a construção em sua mente antes de a erguer na realidade (p.198).

O DISCURSO CAPITALISTA

Lacan propôs a sua teoria dos quatro discursos em plena efervescência das revoltas estudantis que abalaram Paris a partir de Maio de 1968. Esta conexão é sublinhada pela escolha da capa do seminário em que Lacan (1992) se estende mais longamente sobre os discursos, O Seminário Livro 17, O Averso da Psicanálise. A capa retrata o líder dos estudantes, Daniel Cohn-Bendit, conhecido como Danny, le rouge (o Vermelho), sorrindo gaiatamente para um policial encarregado da repressão. Lacan propõe os discursos como modalidades de estabelecimento do laço social. São quatro: o da universidade, o do mestre, o da histérica e o do analista. Ele desenvolve a tese de que foi a emergência histórica do discurso do analista, com Freud, que permitiu que se ordenassem os outros três discursos.

A denominação do discurso da universidade traz a marca do momento histórico em que Lacan teorizou sobre os discursos: a principal denúncia da rebelião estudantil na França era sobre a extrema burocratização da universidade, na época, e justamente o discurso da universidade é, na verdade, o discurso da burocracia.

O discurso do mestre é o discurso da civilização, e foi este que sofreu uma leve e seríssima mutação a partir da Revolução industrial. O discurso do mestre é a demonstração em matemas do mito de origem, descrito por Hegel na Fenomenologia do Espírito. Na luta mortal de puro prestígio em que buscam o reconhecimento um do outro, há entre os dois contendores um vencedor e um vencido. Porém, para obter a vitória, o vencedor, o mestre, teve que abrir mão do gozo da vida, ao passo que o perdedor, o escravo, que perdeu sua liberdade, manteve seu saber sobre o gozo, do qual não abriu mão, e agora o mestre vencedor depende do vencido para gozar da vida.

Neste contexto, o trabalho está do lado do escravo, é fruto da exploração do homem pelo homem. Aliás, na nota cita-

da no início deste artigo Freud diz que ‘a atividade profissional traz uma satisfação particular quando foi escolhida livremente’ (grifo nosso) (Freud, 1930, p.80). No entanto, mesmo no modelo coercitivo do discurso do mestre é o escravo que detém o saber, e é a partir daí que ele pode negociar com o mestre. O mestre, no lugar do agente, pode ser encarnado por um ou vários homens. Quando Marx aponta que os trabalhadores unidos podem parar as máquinas e obrigar o patrão a negociar, através da greve, ele está sendo bastante hegeliano. Há, nesta realidade discursiva, exploração, mas pode haver negociação: o gozo libidinal não está excluído e está do lado do trabalhador.

O ‘pequeno deslize’ que transformou o discurso do mestre em discurso do capitalista é aparentemente sutil, mas de sérias consequências. Há uma troca entre os termos que ocupam os lugares de agente e da verdade. O agente agora é o sujeito, mas ele não agencia nada. Ele é apenas o ‘testa de ferro’ do discurso e quem permanece no comando é o mestre, escondido no lugar da verdade. Na contemporaneidade o capital não tem face e não há negociação possível quando as bolsas de todo o mundo despencam.

O trabalhador continua a ser escravo nesta virada de discurso, mas agora já não sabe mais quem o explora. Em seu livro *O Século XXI – Socialismo ou Barbárie?*, Istvan Mezaros (2003, p.99) aponta para o desafio histórico contemporâneo: “Dado o inconciliável antagonismo estrutural entre capital e trabalho, este último está excluído de toda tomada de decisão significativa”.

A EPIDEMIA DA DEPRESSÃO?

Tem-se hoje, na sociedade contemporânea, um dito mandado à felicidade, um dever de ter saúde e bom humor sempre, somos a sociedade dos ‘alegrinhos’, como bem diz Rubem Alves (2012). Todos temos que estar sempre ‘pra cima’, bem dispostos para a vida e para o trabalho e, especialmente, dispostos a consumir. A alegria,

o prazer e a satisfação estão à venda, se não nos bens de consumo e nos gadgets, nas pílulas milagrosas da felicidade que regulam nossa serotonina. Assim, numa sociedade como essa, os deprimidos são o inconveniente que não tem voz e nem vez, devem mesmo recolherem-se, calarem seus ‘discursos’ silenciosos (os remédios até são ótimos para isso) e não tentarem, com sua apatia e frustração, ‘afundar a nau dos bem adaptados’ (Kehl, 2009).

No mundo do trabalho atual experienciamos os reflexos deste mandado à felicidade: todos temos que estar sempre bem (ou pelo menos parecer), ter boas relações pessoais (o tão propagado *networking*) e estarmos sempre prontos para a batalha da competitividade. Neste espaço a tristeza não tem lugar porque ela é contra a produtividade e serve como uma espécie de denúncia daquelas coisas que, por algum motivo, não vão tão bem assim como gostaríamos de acreditar que fossem. Os trabalhadores que se apresentem tristes são logo encaminhados, então, para o setor de saúde da empresa, se não pelo chefe, pelos próprios pares que não querem ser ‘contaminados’ com a dor alheia. Nesse contexto, então, o trabalhador ideal seria aquele indivíduo capaz de adaptar-se a todas as situações, de fazer calar em si “seus estados d’alma”, de considerar os problemas em sua frieza, mostrado como exemplo de guerreiro ou esportista, capaz de ultrapassar seus limites, de ter formas de “comunicação afirmativa”, de ser obcecado pela “excelência” e que deve, portanto, conformar-se à nova ideologia do ganhador, do lutador, livre de promessas, dos sonhos e dos questionamentos. (Enriquez, 2010. P.146)

Dejours (2010) sustenta que os trabalhadores de hoje não sofrem mais do que os seus colegas de gerações passadas, ou seja, o trabalho do modo como está posto na sociedade capitalista sempre foi fonte de

sofrimento. A diferença, segundo ele, é que agora os trabalhadores não contam mais com os suportes sociais de outrora. As estratégias coletivas de defesa que ajudavam o trabalhador a suportar o peso das agruras impostas pelo trabalho hoje não funcionam mais, foram desfeitas. Um exemplo disso é o enorme enfraquecimento dos sindicatos e associações de trabalhadores, além da própria cultura competitiva e individualista, que faz cada um correr como louco atrás do próprio quinhão, sem se importar com o outro. Assim, aquele que sofre hoje vive uma dupla dor: a dor própria da situação de sofrimento no trabalho e a dor da solidão e da exclusão.

Segundo Lacan (1972), o trabalhador contemporâneo produz os objetos de gozo, não mais para agradarem o mestre, mas para serem consumidos pelo sujeito que, no lugar de falso agente, é agenciado pelo gozo do qual se torna voraz consumidor. Assim, longe de ser algo estranho, combatido pelo laço social, o fenômeno hodierno da drogadição, por exemplo, aparece também enquanto espaço de promoção deste gozo. Tal fenômeno é fruto do funcionamento do discurso capitalista, e o drogado, seu sujeito ideal.

Esta drogadição generalizada (sociedade medicalizada?), fruto do funcionamento mesmo do discurso, atinge de forma especial os trabalhadores da saúde mental. A revista *Piauí*, nº59, do mês de agosto de 2011 traz uma inquietante reportagem intitulada 'A epidemia de doença mental', por Marcia Angell. Entre as várias denúncias que porta, diz sobre o que se passa nos Estados Unidos:

A indústria farmacêutica influencia psiquiatras a receitar drogas psicoativas até mesmo para pacientes para os quais os medicamentos não foram considerados seguros ou eficazes (...) A prevalência de 'Transtorno Bipolar Juvenil' aumentou quarenta vezes entre 1993 e 2004, e a de autismo aumentou de 1 em 500 crianças para 1 em 90 ao longo da mesma década. Dez por cento dos meninos de dez anos de

idade tomam agora estimulantes diários para o 'Transtorno de Deficit de atenção/Hiperatividade' (Angell, 2011, p.49).

No seminário O saber do Psicanalista, Lacan (1972) diz: "Toda ordem, todo discurso que se aparenta ao capitalismo deixa de lado o que chamaremos simplesmente as coisas do amor" (p.46). Ora, 'as coisas do amor' dizem respeito à libido, ao desejo, e sem desejo só um caminho resta: a depressão.

Em *Televisão* (1997), Lacan define a depressão como 'covardia moral', seguindo Spinoza. Covardia de renunciar ao desejo, único patrimônio indestrutível do sujeito. Porém, o que dizer de um laço social que leva a esta renúncia?

(IN)CONCLUSÕES

No Brasil, os dados do INSS² (Instituto Nacional de Seguridade Social) colocam os transtornos mentais como segunda causa de afastamento e incapacitação para o trabalho. A depressão aparece no topo desta lista das doenças incapacitantes. Quinet (2006), ao discorrer sobre o tema depressão, sustenta que sob este significativo se coadunam hoje uma multidão de sujeitos que se encontram tristes, desanimados, frustrados, enlutados, apáticos, desiludidos, entediados e angustiados, de modo que poderíamos até dizer de uma sociedade contemporânea de deprimidos (já que todos nós homens, em algum momento da vida, nos sentiríamos assim). Ele diz ainda que talvez a dita multiplicação dos deprimidos seja um 'sinal dos tempos', já que a falta de uma perspectiva mais igualitária para a sociedade, a queda dos ideais revolucionários, o desemprego crescente, a competitividade feroz do mercado de trabalho, isso tudo em paralelo aos imperativos de gozo da nossa sociedade 'produtora de gadgets' - acenando com promessas de satisfação do desejo -, tudo isso pode, segundo ele, contribuir para um estado depressivo no sujeito contemporâneo, este

desorientado em relação ao seu desejo e seus ideais. Essa multiplicação dos deprimidos também é corolário de uma eficiente e lucrativa indústria farmacêutica, que não só divulga o medicamento como panacéia para a cura das dores da alma, como ela mesma estabelece os critérios diagnósticos que os psiquiatras devem seguir na hora de identificar os potenciais sujeitos depressivos e que, portanto, devem ser medicados. Viveríamos, assim, uma espécie de patologização da vida subjetiva, quando qualquer manifestação de dor ou tristeza se transformaria em adoecimento psíquico.

Na contemporaneidade podemos dizer que jamais se honrou tanto o trabalho, desde que a humanidade existe e mesmo, está fora de cogitação que não se trabalhe (Lacan, 1992). Ora, numa sociedade que mais do que nunca se centraliza em torno deste significativo trabalho, é irônico pensar que seja exatamente aí o lugar do sofrimento do sujeito hodierno. Sabemos que a relação do sujeito com o seu trabalho é sempre única, singular. E que o trabalho pode ocupar diversos lugares na vida deste sujeito: pode ser um objeto de investimento libidinal e pode também estar incluído no sintoma deste sujeito. A depressão relacionada ao trabalho pode aparecer aí como uma espécie de desmentido ideológico frente ao discurso contemporâneo e suas promessas de 'felicidade laborativa'.

Kehl (2009) sustenta que os deprimidos hoje constituem, em seu silêncio e recolhimento, um grupo tão incomodo como eram as histéricas do século XIX. A depressão seria, portanto, uma espécie de sintoma social porque desfaz, de modo lento e mudo, a teia ideológica que ordena e sustenta a vida social (e laborativa) da nossa contemporaneidade.

Sendo assim, com seu sofrimento, isolamento e mutismo, o trabalhador triste 'grita' e denuncia que algo de podre cheira mal na nossa vã ideologia do trabalho, algo impertinente e indevido, essa espécie de mal-estar que não cessa de nos acossar, nós trabalhadores.

Notas

- 1- Dados extraídos da reportagem 'Uma Indústria do bem-estar', valor Econômico, São Paulo, 7/12/2007.
- 2- Dados extraídos do site da Previdência Social, em 2011.

REFERÊNCIAS

- Alves, R. (2012) Ensinado Tristeza. In: A casa de Rubem Alves (site).
- Angell, M. (2012). A epidemia de doença mental. In Revista Piauí, numero 59.
- Badiou, A. (1993) Entrevista com Célio Garcia. In: Jornal do psicólogo. Belo Horizonte, numero 43.
- Castel, R. (1994). Da indigência à exclusão. In: Lancetti, A.(org). Saúde e Loucura. São Paulo: Hucitec.
- Dejours, C. (2010). Um suicídio no trabalho é uma mensagem brutal. Revista Publico. www.publico.pt/.../um-suicidio-no-trabalho-e-uma-mensagem-brutal...
- Dejours, C (1987). A loucura do trabalho. 2ªed. São Paulo: Cortez.
- Enriquez, E (2010). Interioridade e Organizações. In Dave, E. e Vergara, S.C. (org). Gestão com Pessoas e Subjetividade. São Paulo: Atlas.
- Freud, S. (1930). O mal estar na civilização. Rio de Janeiro: Imago.
- Gaulejac, V. (2007). A gestão como doença social. São Paulo: Ideias e Letras.
- Kehl, M. R. (2009). O tempo e o cão, a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo.
- Jardim, S. (2011). Depressão e Trabalho: ruptura de laço social. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional. Vol. 36.
- Lacan, J. (1972). O saber do Psicanalista. Inédito.
- Lacan, J. (1997). Televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1992). O seminário. Livro 17: O avesso da psicanálise. São Paulo: Zahar.

- Lipovetsky, G. (2004). Os tempos Hipermodernos. São Paulo: Barcarolla.
- Marx, K. (1980). O capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Mészáros, I. (2003). O Século XXI: Socialismo ou Barbárie? São Paulo: Boitempo.
- Quinet, A. (2006). Psicose e Laço Social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Ribeiro, M. A. (2011). O mal-estar na sexualidade. Conlapsa. Rio de Janeiro, UERJ.

¹ Mestre em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida-RJ. E-mail: cintialobato@hotmail.com

² Doutora em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil (1986) Professor Titular da Universidade Veiga de Almeida. E-mail: mariaanitacarneiroribeiro@yahoo.com